

4^a Parte

Discursos

Batista de Lima:

Poeta, Contista e Ensaísta Crítico

Linhares Filho

Designado pelo prestigioso e operante Presidente deste Sodalício, Poeta Artur Eduardo Benevides, para saudar o Acadêmico Batista de Lima nesta ocasião, em que este se empossa como Titular da Cadeira Nº2, iluminada com a figura do poeta Álvaro Martins como Patrono e com a do saudoso Comendador Luís Sucupira como último ocupante, justifico a honrosa escolha do meu nome pela afinidade entre mim e o ilustre recipiendário, meu conterrâneo de Lavras da Mangabeira, meu antigo e destacado aluno e orientando no Curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal do Ceará.

Não posso dispensar-me de homenagear, embora com rápidas palavras, a memória do Acadêmico Luís Sucupira, um dos homens mais íntegros que conheci, a quem devo a emoção de ver publicado pela primeira vez na imprensa, precisamente no jornal *O Nordeste*, de que ele era redator, um poema de minha autoria logo na importante secção "Antologia de Poetas Cearenses". E eu era, nesse tempo, um simples aluno do Colégio Estadual Liceu do Ceará. A ele meu reconhecimento e minha admiração por suas qualidades de homem e de intelectual.

Alegro-me como lavrense e ex-professor de Batista de Lima, que foi sempre um aluno brilhante, um aluno-mestre, por ver minha terra de tantos homens ilustres ser galardoada com a participação de mais um filho seu nesta Casa e por assistir ao florescimento tão viçoso de uma semente do meu magistério universitário.

De fato, muitos lavrenses precederam Batista de Lima nesta Academia: Joel Linhares, Josaphat Linhares, Filgueiras Lima, João Clímaco Bezerra, Joaryvar Macedo, Dimas Macedo, este que vos fala, além de Moreira Campos, filho de Lavras por adoção.

Os indiscutíveis méritos estéticos e culturais do novo Acadêmico foram os principais responsáveis por sua eleição para a Ilustre Companhia, e abrangem três dimensões: a poesia, o conto e o ensaio crítico, e em todas o desempenho de Batista de Lima se distingue. Como poeta publicou *Miranças*, *Os Viventes da Serra Negra*, *Engenho e Janeiro da Encarnação*. Como contista, editou *O Pescador de Tabocal*. Como ensaísta crítico deu à estampa sua dissertação de Mestrado, *Moreira Campos: a escrita da ordem e da desordem e Os Vazios Repletos*. *Janeiro da Encarnação* enfeixa toda a obra poética do autor anteriormente publicada, acrescida de novos poemas.

A poesia de Batista de Lima caracteriza-se pela focalização da terra e do homem, tem cheiro de chão, da gleba poeirenta ou estorricada pela inclemência do sol ou úmida e fértil como resultado dos invernos benfazejos; e tem o cheiro do suor de uma população sofredora, do suor do agricultor, do pescador, do vaqueiro, do cambiteiro, do comboieiro, do homem afeito ao trabalho braçal do campo ou do engenho. Sua poesia recende o aroma das grandes moagens e o odor acre dos currais. É, pois, sobretudo telúrica e memorialista, com acentos de um lirismo comunitário, por ela participar do trajeto existencial da população de que se origina o poeta, no caso a do sítio Taquari ampliada na de Mangabeira, distrito de minha cidade de Lavras. Ao lado desses característicos, um lirismo elegíaco-amoroso, pouco frequente, mas com quatro momentos superlativos: “Só”, “Tatuagem”, “Confissão II” e “Súplica”. “Só” é o mais longo poema de toda a obra do autor, um dos mais poéticos e pungentes. Poema cheio da gritante angústia existencial de um ser que se confessa solitário, expressa por uma imagística muito rica, com repetições funcionais e uma subjetividade sugestiva, às vezes algo surrealista.

No cerne disso tudo, a legitimidade artística da expressão do humano, sublinhando-se neste a dor da nossa condição. No mais, o empenho pela dicção sintética e o esforço pela elaboração, em muitos poemas, de uma inventiva algo experimental, sobretudo no aspecto morfológico, a qual resulta em certo hermetismo. Além dos aludidos poemas, destaquem-se estas composições pelo seu autêntico valor artístico: “Antropoboi”, “Caminho

de Volta”, “Confissão I”, “Timidez”; “Clarice”, “Retrato de Zé Domingos”, “Tombador de Cana”, “Engenho II”, “Engenho a Boi”, “Plantação”, “Tiborna”, “Fantasma do Engenho”, “Engorda”, “Construção”, “Sempre”, “A Casa II”, “A Casa de Meu Avô”, “O Canto”, “O Couro”, “Alpendre”, “O Relógio”, “Palavras”, “Choro”, “Mirança”, “Circo”, “Taquari” e “Inverno”.

Verifiquemos o poema “O Canto”, em que Batista de Lima mostra conhecer seu povo por identificar-se com ele. O jeito dos desvios ou esquivações, a expansão na confissão de males, os reclamos, o ambiente, a dureza da vida, os gestos, as peculiaridades do seu povo, tudo lhe é familiar segundo o poema. E, pela imagística deste, o autor relaciona esse povo com os mundos animal, vegetal e mineral. Eis os versos, de uma alta concepção e um excelente desempenho artístico:

*Conheço este povo
porque carrego seu jeito
esquisito de dobrar esquinas
e desdobrar as dores
como se de fibras fossem*

*Conheço este povo
sua terra
seu berro
como ferro fundido
na mesma fornalha
como filho surgido
do mesmo delírio*

*Conheço este povo
porque conheço
seu chão
seu adubo
seu medo no riso
sua vastidão do olhar
seu uivo de fome
sua lágrima lúgubre*

*Conheço este povo
porque herdei seus pés
suas longas raízes
seus pesados passos
porque herdei seu caminhar
que os caminhos guardaram*

*Conheço este povo
porque me conheço
porque conheço a idade da serra
a pedridade da pedreira
que retêm a água da minha sede
que retêm a semente-mãe
do fruto que ninguém tem*

De clima elegíaco e teor memorialista é “A Casa de Meu Avô”, com que já me impressionara há anos, citando-o numa palestra que proferi em minha cidade sob o título de “Literatura Lavrense”, em 1979, por ocasião da 1ª Semana Universitária de Lavras da Mangabeira. Várias conotações valorizam a composição: prosopopéia, metonímias, efeitos sensoriais e nos dois últimos versos a metáfora conceitual envolve a metonímia da palavra dor:

*A casa de meu avô
tem histórias que o vento
esqueceu nas cumeeiras*

*Traços traçam
amarelo de tempo
nas pessoas do retrato
No chapéu de meu avô
o peso do esperar
pendurou-se nas abas*

*O último cachorro
deixou seu jeito no canto da porta
seu grito no longe da serra
e no susto dos bichos*

*Nos varais as marcas dos panos
se envergonham de nudez
Nos baús o cheiro dos lençóis
espera a vida
que se esvaiu pelas frechas*

*A casa de meu avô
é uma dor sem jeito*

E não me posso furtar ao desejo de focalizar um metapoema inédito que Batista de Lima me ofertou, quando da última visita que lhe fiz com minha mulher. Outros metapoemas escreveu, alguns destacáveis, mas acredito que nenhum se iguala ao que denominou de "Poema", em que teoriza sobre a boa qualidade de uma composição poética, orientando-se, como convém, por uma ótica impressionista, lírica, subjetiva, usando símbolos encantatórios e metáforas conceituais :

*Um bom poema
precisa de muitos séculos de pescaria
um eterno fogo aceso
e muita ventania*

*Um bom poema
é uma escada que leva ao céu
um relâmpago acorrentado
e um cheiro de ervas ao léu*

*Um bom poema
risca-se nos olhos de uma serpente
enrosca-se num baú de fantasmas
e está sempre coçando a gente*

*Um bom poema
é um trovão em treva contido
um açude sangrando em abril
teu olhar em meu olhar refletido*

*Um bom poema
é um enigma que se esclareceu
na criatura que é criadora
montada num sopro de Deus*

Na primeira estrofe, sugere-se com o segundo verso a pesquisa, o aprendizado de gerações em muitos séculos de trabalho com a palavra, a intertextualidade; no terceiro verso, a estesia; no quarto verso, a inspiração ou o arejamento do espírito. Na segunda estrofe, traduz-se, sucessivamente, a sublimação do espírito poético, lembrando a escada de Jacó; com a sinestesia áudio-visual-táctil a instantaneidade luminosa da comunicação poética, a elétrica corrente entre a emissão e a recepção; com o sensorial olfativo, o espírito de pureza primitiva e/ou um subjetivo detalhe da temática rural do autor. Na terceira estrofe, em torno do signo da “serpente”, sugerir-se-ia o possível desafio do poe-
tar. O enroscar-se “num baú de fantasmas” relaciona-se ao culto reminiscente do passado que eclode como visões em grandes poéticas, notadamente na de Batista de Lima. O “coçar a gente” sugere o incitamento das idéias poéticas desde o momento em que elas pedem expressão ao da releitura, do consumo reincidente, próprio da arte; isto é, suscita o trajeto do bom poema do *pré-texto* ao *entre-texto* segundo a conceituação portelliana. A capacidade do bom poema explodir com vibração criativa ou levar a mimese à catarse estaria sugerida na quarta estrofe, onde o autor se refere a “trovão” e a “um açude sangrando em abril”; esta última metáfora, originada também da convivência campesina do poeta. O verso “teu olhar em meu olhar refletido” transmite a idéia de interação, identificação ou correspondência no amor. A derradeira estrofe lembra a situação de “claro enigma”, deste que é devassado pelo fazer poético consciente da criatura, que participa do dom divino de criar com a destreza de quem cavalga “num sopro de Deus” segundo a bela concepção sensorial.

Essas amostras dizem bem da força poética do autor de *Janeiro da Encarnação*.

Como contista, o desempenho do Escritor Batista de Lima não é menos significativo. Seu livro de estréia, recentemente

publicado, revela sua legítima vocação para o cultivo da difícil arte do conto. Já no título de tal livro, *O Pescador de Tabocal*, pode vislumbrar-se uma referência indireta ao Taquari de suas origens, pois significa esse topônimo taquara pequena; e taquara sendo sinônimo de taboca ou bambu, tabocal é o mesmo que taquaral. Pois os casos que se narram aí, colheram-se ainda da experiência rural do seu autor, que nos apresenta personagens de uma rica dimensão humana, cada página prendendo a atenção do leitor pelo interesse ficcional que desperta. Algumas personagens surgem em vários contos como o Cel. Nicodemos e D. Bilinha, Mestre Osmar “da semibanda” e Luizão da cachaça Fubua, mostrando que existe uma interligação entre narrativas, ou que a pescaria do contista se efetuou numa mesma barragem, transfigurada pelo poder da criação. Casos estranhos, imprevisíveis, sentimentos vis, inconfessáveis, interesses e atos corruptos, a dor e a baixeza humanas, raras ações heróicas, tudo é exposto com certo traço humorístico, forte cor local, mas artístico e universal valor. Destaquem-se algumas histórias como “Assim Falou Navegante”, “Julho é um Mês que Não Tem Fim”, “Santana”, “Os Cavaleiros da Lua”, “As Voltas que o Mundeiro Deu” e “O Tratado da Perfeita Fila”, ora pelo teor poético, ora pelo insólito, tratados com verossimilhança e soluções cabais.

Na qualidade de ensaísta crítico, o Acadêmico Batista de Lima distingue-se com a sua dissertação de Mestrado acerca da obra ficcional de Moreira Campos, dissertação que teve a honra de orientar. Esse trabalho de rigorosa pesquisa e originalidade indiscutível constitui-se o primeiro estudo universitário a respeito da obra moreiriana e o primeiro publicado fruto do Curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal do Ceará.

Outros ensaios o Prof. Batista de Lima escreveu, sempre com esmero e coerência, notadamente os que editou sob o título geral de *Os Vazios Repletos*, onde se encontram os seguintes estudos, que se devem salientar: “Alexandre O’Neill e a Modernidade”; “O Discurso do Es/cobar no Dom Casmurro”; “Transdrummonidades”; “Lima Barreto, o Retrato de uma Época” e “A Metáfora da Água em João Cabral”.

Os méritos artísticos e culturais do novo Acadêmico já foram reconhecidos e evidenciados em opiniões críticas expendidas por expressivos nomes da intelectualidade cearense como Artur Eduardo Benevides, Francisco Carvalho, Dimas Macedo, Dias da Silva, Pe. Antônio Vieira e Francilda Costa.

Laureado como Professor Modelo pela Secretaria de Educação do Ceará, Professor da Universidade Estadual do Ceará e, antes, de diversos estabelecimentos do Ensino Secundário de Fortaleza, integrante da Academia Cearense da Língua Portuguesa, de que é Vice-Presidente, e da Academia de Letras e Artes do Nordeste, a que também pertença, Diretor do Centro de Ciências Humanas da Universidade de Fortaleza, havendo sido aí Chefe do Departamento de Letras e Artes, fundador com Dias da Silva e colaborador do mensário cultural *O Catolé* e fundador com Paulo Barbosa e Floriano Martins e colaborador da revista literária *Arsenal*, Editor da *Revista de Humanidades* do Centro de Ciências Humanas da Universidade de Fortaleza, detentor de duas Menções Honrosas do Prêmio Estado do Ceará no gênero poesia e de uma Menção Honrosa do mesmo Prêmio no gênero ensaio e estudo literário, o Poeta Batista de Lima, não só pelos seus méritos de criador literário, mas também pelos de sua dinâmica vida intelectual, fez jus à sua eleição para esta Academia, que muito se enriquecerá com a sua participação, e o saúda fraternalmente, por meu intermédio.

Poeta e Acadêmico Batista de Lima:

Esta é a vossa hora e vez. A vez e a hora da vossa consagração definitiva como criador: como poeta, ficcionista e ensaísta crítico. Sois hoje armado cavaleiro da cruzada das Letras, da Cultura e do Humanismo pelo consenso dos vossos pares e o aplauso da intelectualidade cearense. Com o colar acadêmico, a glória vos coroa a frente de lavrense de Mangabeira; do antigo menino de engenho do Taquari; a frente do pescador de Tabocal, que se fez pescador de imagens, metáforas e símbolos, de histórias e versos; do inventor de beleza, do cidadão e mestre que, por saber contar e cantar a sua gleba, atingiu a dimensão do humano universal.

Trazeis ainda no olhar o verde do canavial, agitando-se ao sol causticante do sertão, canavial que sentis balançar “fatal seu

verde faca”, enquanto o vejo como flâmulas de esperança, acenando para uma população sofrida, cuja saga registrais em vossos contos; e na boca trazeis os ressaibos do dulçor da nutritiva e energética rapadura, que contém ao mesmo tempo a dureza do caráter do sertanejo e a doçura do seu coração, produtos da própria terra, da nossa terra severa e doce. E porque soubestes compreender a natureza do vosso povo e descrever a paisagem do vosso torrão natal, e soubestes recriar, com linguagem adequada e técnica específica, tantos acidentes e tantos casos de estranhezas, de extraordinárias torpezas e heroísmos anônimos, e soubestes cantar com arte tantos motivos de sofrimento, resistência, amor, abnegação; as lembranças e saudades de vossa gente e vossa terra; e também porque conduzis nas veias a herança de tenacidade do vosso povo, cultivando a inteligência com o estudo e a pesquisa, em fecundas atividades universitárias; sobretudo por tudo isso é que estais aqui, sendo ungido e ovacionado como Acadêmico, Escritor Batista de Lima.

Porventura vislumbrais neste salão os “fantasmas do engenho” que foram temas de vossos poemas e contos, pois aqui viriam para se congregar convosco e com este auditório, e chegariam surgidos não das trevas como os viu o cambiteiro Zé Varelo, mas do ar festivo e iluminado deste ambiente, e fazendo, como diríeis, “muitas moagens e histórias se repetirem no pequeno espaço de horas”. E vereis que para vós não é bem “julho um mês que não tem fim”, como escrevestes num conto, março é que para vós não findará, pois é neste mês e neste instante que começa a vossa imortalidade, e vossa obra viverá para todo o sempre.

Sede bem-vindo!